

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Márcio Rodrigues de Oliveira

**A IMPORTÂNCIA DA CULTURA EM HERBERT MARCUSE E THEODOR W. ADORNO PARA A
ATUALIDADE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Luiz Antonio Da Silva Peixoto

Juiz de Fora

2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, MÁRCIO RODRIGUES DE OLIVEIRA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201972064A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A IMPORTÂNCIA DA CULTURA EM HERBERT MARCUSE E THEODOR W. ADORNO PARA A ATUALIDADE**, desenvolvido durante o período de 04 de novembro de 2024 a 10 de março de 2025 sob a orientação de LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MÁRCIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A IMPORTÂNCIA DA CULTURA EM HERBERT MARCUSE E THEODOR W. ADORNO PARA A ATUALIDADE

Márcio Rodrigues de Oliveira

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da cultura nas obras de Herbert Marcuse e Theodor W. Adorno, pensadores integrantes da Escola de Frankfurt, e como suas reflexões permanecem pertinentes na contemporaneidade. A abordagem cultural proposta por ambos fornece um importante referencial para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e econômicas atuais, especialmente em face do consumismo excessivo, da alienação e da crise da subjetividade na sociedade contemporânea. Através de uma revisão crítica de seus principais conceitos, será discutida a relevância de suas ideias no combate à cultura de massa e na formação de uma consciência crítica.

Palavras-chave: Cultura, Herbert Marcuse, Theodor W. Adorno, Escola de Frankfurt, sociedade contemporânea, crítica da cultura de massa.

ABSTRACT

This work aims to analyze the importance of culture in the works of Herbert Marcuse and Theodor W. Adorno, thinkers who were part of the Frankfurt School, and how their reflections remain relevant in contemporary times. The cultural approach proposed by both provides an important reference for understanding current social, political and economic dynamics, especially in the face of excessive consumerism, alienation and the crisis of subjectivity in contemporary society. Through a critical review of his main concepts, the relevance of his ideas in combating mass culture and in the formation of critical consciousness will be discussed.

Keywords: Culture, Herbert Marcuse, Theodor W. Adorno, Frankfurt School, contemporary society, criticism of mass culture.

1. INTRODUÇÃO

A cultura exerce uma influência indiscutível em nossas vidas e se configura como um dos pilares fundamentais para a formação da identidade individual e coletiva. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde culturas se entrelaçam e se confrontam, compreender a importância da cultura torna-se uma tarefa essencial. A cultura é não apenas um reflexo da história e das tradições de um povo, mas também um fator determinante na maneira como expressamos nossas emoções, crenças e valores. O filósofo francês Michel Foucault argumenta que "a cultura não é um simples patrimônio do passado, mas uma construção dinâmica que molda nosso presente e futuro." Essa afirmação destaca a cultura como um elemento ativo e em constante transformação, essencial para a adaptação e resistência diante das mudanças sociais e das diversas realidades contemporâneas. Por meio da cultura, podemos entender e interpretar o mundo ao nosso redor, além de oferecer um sentido de pertencimento ao coletivo. É a cultura que nos une, que nos dá raízes e nos ajuda a navegar nas complexidades da sociedade global.

Além disso, a diversidade cultural é um valor fundamental em um mundo plural. A convivência de diferentes tradições, idiomas e modos de vida enriquece a experiência humana e promove o diálogo intercultural. Em um momento em que tendências de homogeneização ameaçam a pluralidade, é crucial valorizar e preservar as peculiaridades de cada cultura. O filósofo Theodor Adorno salientou que "a arte é um reflexo mediado da realidade, capaz de revelar contradições que a razão conceitual não consegue alcançar." Essa capacidade da

arte de desafiar as normas e as narrativas dominantes, ilustra como a cultura pode servir como uma ferramenta de resistência e transformação social.

A cultura é também um meio fundamental de promoção de inclusão e respeito mútuo. Em sociedades marcadas por desigualdades e preconceitos, a valorização da diversidade cultural ajuda a construir pontes e a fomentar a empatia. Promover o acesso à cultura é garantir que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas, contrabalançando as dinâmicas de poder que muitas vezes silenciaram grupos marginalizados. A importância da cultura transcende a preservação de tradições; ela é uma força propulsora para a construção de um futuro mais justo e harmonioso. Ao abraçarmos a riqueza da diversidade cultural e reconhecermos sua capacidade de moldar nossas identidades e sociedades, contribuimos para um mundo mais inclusivo e conectável. Portanto, compreender e valorizar a cultura é essencial não apenas para a construção do indivíduo, mas também para a formação de comunidades mais coesas e solidárias. A cultura, assim se revela como um elemento vital para a convivência global, promovendo a solidariedade e a transformação em um mundo em constante mudança.

Compreendida como um conjunto de práticas, significados e expressões que permeiam a vida social, a cultura sempre esteve no cerne do debate filosófico e sociológico. No contexto histórico atual, marcado por uma intensa transformação tecnológica e um consumismo exacerbado, a reflexão sobre a cultura adquire novos contornos. Herbert Marcuse e Theodor W. Adorno, pensadores da Escola de Frankfurt, oferecem uma análise crítica sobre a cultura, explorando suas implicações na dinâmica social e nas formas de controle e alienação. Este trabalho busca discutir a atualidade dos conceitos desses teóricos e sua relevância para entender e enfrentar os desafios da cultura contemporânea.

Podemos observar o quanto estes filósofos nos iluminam no direcionamento crítico desta sociedade consumista, levando ao posicionamento de que a sociedade precisaria se reinventar para que não ocorra uma manipulação das funções culturais entorno do consumismo exacerbado de produtos que não fazem sentido algum, pois podemos usar a nossa reflexão para sermos sujeitos do nosso próprio tempo e espaço. Estes aspectos positivos e críticos são ressaltados por Marcuse: "A cultura é uma força ambígua e contraditória, que pode ser tanto um agente de repressão quanto um instrumento de libertação" (Marcuse, 1964).

No livro "O mal-estar na civilização", Freud vai tematizar esta discussão contribuindo ainda mais para este conflito que temos entre a nossa sociedade e o indivíduo e a busca das causas da infelicidade que temos ao longo da vida pois para ele a sociedade se impõe aos nossos verdadeiros desejos e a inversão de valores pois para ele a sociedade deve escutar os indivíduos e garantir que todos tenham as suas próprias condições de cumprir as normas e que o consumismo se torna um caminho de fuga muito visível na ansiedade e na sua busca de um ideal ilusório na tentativa de encontrar satisfação e felicidade.

2. A ESCOLA DE FRANKFURT E O PENSAMENTO CRÍTICO

A Escola de Frankfurt é um importante movimento intelectual que surgiu na Alemanha na década de 1920, focando em uma combinação de marxismo, psicanálise e filosofia crítica. Seus pensadores mais notáveis incluem Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, entre outros. O principal objetivo da Escola era analisar a sociedade contemporânea e criticar a racionalidade instrumental, a cultura de massa e a manipulação ideológica que, segundo eles, ameaçavam a emancipação humana. O pensamento crítico destes autores busca entender como estruturas sociais, culturais e econômicas influenciam o comportamento humano e as relações sociais. Eles propõem uma reflexão sobre a realidade social, desafiando as verdades convenientes e as normas estabelecidas. O pensamento crítico é fundamental para a emancipação, pois permite que os indivíduos questionem a ordem vigente e identifiquem as formas de opressão que permeiam a sociedade (Horkheimer, 1985).

Herbert Marcuse foi um dos principais teóricos da Escola de Frankfurt, e seu trabalho se destacou durante os anos 1960, especialmente em relação aos movimentos sociais e contraculturais desta década. Em obras como "O homem unidimensional" e "Eros e Civilização", ele critica a sociedade tecnológica e o que chamava de "sociedade unidimensional", na qual a racionalidade instrumental dominava a vida social, sufocando a criatividade, a crítica e a verdadeira liberdade. Marcuse defendia a ideia de que a sociedade poderia ser transformada através da libertação dos desejos e da promoção de uma nova forma de vida baseada em valores estéticos e humanos.

Theodor W. Adorno, por sua vez, focou em temas como a indústria cultural, a estética e a teoria social. Em "A Dialética do Iluminismo", escrito com Horkheimer, ele argumenta que a razão, ao se tornar uma ferramenta de dominação, não apenas criou a liberdade, mas também as condições para a barbárie. Adorno acreditava que a cultura de massa e a indústria cultural serviam para integrar as pessoas em um sistema opressivo, impedindo a verdadeira crítica e o desenvolvimento de uma consciência autônoma.

Estes dois teóricos, embora tenham abordagens e ênfases diferentes, contribuíram significativamente para o desenvolvimento do pensamento crítico que desafia a sociedade contemporânea. A Escola de Frankfurt nos oferece um conjunto de ferramentas teóricas para interrogarmos as estruturas de poder, a cultura e a subjetividade, promovendo a reflexão crítica e a emancipação humana. Em um mundo onde a técnica e a razão muitas vezes são utilizadas para a dominação, seu legado continua a ser fundamental para pensarmos em alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e livre.

2.1. PRINCIPAIS IDEIAS DE HERBERT MARCUSE

Herbert Marcuse foi um filósofo e sociólogo alemão-americano, nascido em 19 de julho de 1898 e falecido em 29 de julho de 1979. Ele é amplamente associado à Escola de Frankfurt e é conhecido por suas críticas ao capitalismo e à sociedade industrial moderna, além de sua contribuição ao pensamento marxista e à teoria crítica. Marcuse se destacou por suas obras que abordam temas como a repressão social, a liberdade, a sexualidade e a estética. Uma de suas obras mais influentes é "Eros e Civilização" (1955), onde ele combina a filosofia de Marx com a psicanálise de Freud, argumentando que a sociedade capitalista reprime as necessidades humanas fundamentais e propõe uma libertação que permitiria uma existência mais autêntica e plena.

Ele se tornou uma figura proeminente nos movimentos sociais da década de 1960, especialmente entre os jovens e os estudantes, e é frequentemente lembrado por suas críticas à cultura de consumo e à alienação na sociedade moderna. Marcuse defendia uma forma de socialismo que enfatizava a importância da libertação cultural e o papel da arte e da estética como meios de transformação social. Sua obra continua a ser estudada e debatida, sendo relevante em discussões sobre política, sociedade e cultura contemporânea.

Marcuse propõe a ideia de uma sociedade não repressiva, em que a cultura serve como um meio de resistência e transformação. Ele critica a indústria cultural por promover uma conformidade que anula a criatividade e a crítica social, pois, para Marcuse, a verdadeira cultura deve fomentar o pensamento crítico e a libertação das potencialidades humanas. Além disso, afirma que a sociedade industrial avançada foi responsável por criar falsas necessidades que integravam as pessoas ao sistema de produção e ao mesmo tempo de consumo. A tecnologia, por sua vez, foi usada como um instrumento de dominação e com isto incorporou a arte ao processo de controle social dos indivíduos.

Ele vai além ao dizer que a ciência se converteu em mais um instrumento de dominação, pois para ele que o progresso necessitava de um novo direcionamento pois poderia ser libertador do trabalho alienado deixando o progresso servir como um instrumento de dominação e de exploração do homem e seus mais diversos trabalhos, ou seja, um total rompimento com a forma alienada: "A verdadeira cultura deve fomentar o pensamento crítico e a libertação das potências humanas" (Marcuse, 1977). Ao contrário disso, a sociedade burguesa transformava a cultura numa força de alienação e afirmação da realidade existente. A cultura burguesa é para ele afirmativa porque "leva à distinção entre o mundo material e o mundo anímico considerando este último como uma esfera de valores autônoma em relação à civilização, mais valiosa e essencialmente diferente do mundo de luta diária pela existência" (Marcuse, 1998).

2.2. PRINCIPAIS IDEIAS DE THEODOR W. ADORNO

Theodor W. Adorno foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e crítico cultural alemão, nascido em 11 de setembro de 1903, em Frankfurt, e falecido em 6 de agosto de 1969, em Zurique. Ele é um dos principais representantes da Escola de Frankfurt, um grupo de teóricos críticos que se dedicaram a analisar a cultura, a sociedade e a política do século XX. Adorno é conhecido por suas análises profundas sobre a sociedade contemporânea, a indústria cultural e a racionalidade. Ele defendia que a cultura de massa, ao ser produzida de maneira industrial, muitas vezes promovia a conformidade e a passividade das massas. Em sua obra "Dialética do

esclarecimento", escrita com Max Horkheimer, ele explora como a razão, que inicialmente se propunha a libertar os seres humanos, também pode levar à opressão e à barbárie.

Além de suas contribuições filosóficas, Adorno teve um grande interesse pela música e escrevia extensivamente sobre estética musical. Ele acreditava que a música poderia funcionar como uma forma de resistir à lógica da sociedade comercializada. Adorno também criticava a cultura do consumismo e a alienação, enfatizando a importância da crítica social e da reflexão sobre a modernidade. Sua obra continua a influenciar áreas como sociologia, estudos culturais e teoria crítica até os dias atuais.

Theodor Adorno vai muito além das críticas a sociedade de mercado e a rejeição deste progresso linear e a valorização da arte como espaço de resistência, na qual a arte autêntica pode revelar as contradições da sociedade e incentivar a mudança, pois a sociedade de mercado é voltada apenas para um progresso técnico e para a exploração dos bens culturais. Segundo Adorno, porém, a indústria cultural rebaixa a obra da arte a um nível somente de mercadoria, perdendo o que chamamos de potencial de crítica e contestação pois a arte seria o reflexo mediado do mundo real capaz de abranger contradições que a linguagem conceitual não alcança. Assim, para ele a cultura deveria resistir à comercialização, promovendo a reflexão e autonomia dos sujeitos.

Adorno dá ênfase especial à crítica da cultura de massa e à sua capacidade de promover a alienação. O conceito de "indústria cultural" é central em sua obra, em que defende que a produção cultural em larga escala visa a manipulação e a homogeneização dos indivíduos, reduzindo a capacidade crítica da sociedade: "A indústria cultural não cria a necessidade de consumi-la, mas transforma a necessidade em consumo" (Adorno e Horkheimer, 1985). Ele vai defender a concepção de emancipação que move o processo formativo, mas não de forma idealizada, e sim a produção de uma consciência que seja capaz de identificar as relações de dominação social bem como as ideologias que as sustentam e esta atitude que é capaz também de resistir a elas.

3. A CULTURA COMO ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A cultura desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na estrutura das sociedades, servindo tanto como reflexão quanto como motor de transformação social. Através da arte, da música, da literatura e das práticas culturais cotidianas, é possível questionar as normas estabelecidas e promover mudanças significativas. A crítica à cultura de consumo e à alienação, realizada por pensadores como Adorno e Marcuse, revela a necessidade de uma reavaliação das relações sociais para uma verdadeira emancipação. Adorno, em sua análise da indústria cultural, sustenta que as formas de cultura massificada tendem a produzir um conforto ilusório que impede a crítica e a autonomia dos indivíduos. Ele afirma que a cultura, transformada em mercadoria pela indústria cultural, se transforma em um elemento de controle social" (Adorno e Horkheimer, 1985). Essa crítica aponta para a urgência de se reimaginar a cultura como um espaço de resistência e reflexão. Em sua essência, a cultura deve estar a serviço da libertação e do empoderamento social, desafiando as narrativas dominantes e estimulando o pensamento crítico. Marcuse, por sua vez, complementa essa visão ao afirmar que a emancipação não se limita apenas à esfera econômica, mas deve englobar também a dimensão cultural. Em "Eros e Civilização", ele sugere que a arte e a estética possuem um potencial revolucionário ao possibilitarem uma experiência de vida mais autêntica e plena. Ao buscar uma possível "sociedade sem repressão", Marcuse defende que "a arte deve libertar, e não aprisionar" (Marcuse, 1955). Assim, para este autor, a cultura emerge não apenas como um reflexo da sociedade, mas como uma força que pode moldá-la e transformá-la.

A transformação social, portanto, envolve a capacidade de reimaginar as formas de expressão cultural e de promover uma maior consciência crítica entre os indivíduos. Movimentos sociais contemporâneos demonstram que a arte e a cultura podem ser poderosos instrumentos de protesto e mobilização, desafiando injustiças e desigualdades. A música, por exemplo, tem sido utilizada em diversas conjunturas políticas como forma de resistência, unindo pessoas em torno de causas comuns e gerando um discurso alternativo. A cultura é um elemento central na transformação social, capaz de provocar mudanças profundas nas estruturas sociais. A partir das análises de Adorno e Marcuse, podemos refletir sobre a importância de cultivar uma cultura que incentive a crítica e a emancipação, reafirmando seu papel como um campo de batalhas por justiça e liberdade. Assim, ao valorizarmos a cultura como prática transformadora, contribuimos para a construção de um futuro mais justo e humano.

3.1. CULTURA E INDÚSTRIA CULTURAL

A análise crítica da indústria cultural revela como as produções culturais contemporâneas tendem a reforçar normatividades e ideologias dominantes. Adorno e Marcuse alertam para o risco de uma cultura que, consumida passivamente, afasta os indivíduos de sua capacidade crítica.

Adorno e Horkheimer formularam o conceito de "indústria cultural" em seu ensaio "A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas". Eles sustentaram que a cultura se tornou uma mercadoria sob o capitalismo, transformando arte e entretenimento em produtos destinados ao consumo em massa. Assim, a cultura perde sua função crítica e emancipatória, passando a servir os interesses do capitalismo: "A indústria cultural, que se estabeleceu agora como um mecanismo de repressão de massas, não cria a necessidade de consumi-la, mas sim, mais uma vez, transforma a necessidade em que vive a coletividade em consumo" (Adorno e Horkheimer, 1985).

Sobre a cultura e emancipação, Marcuse, por sua vez, explora a possibilidade de uma cultura que poderia servir como um meio de emancipação. Em sua obra "O Homem unidimensional", ele critica a forma como a sociedade industrial avançada suprime a verdadeira liberdade e criatividade dos indivíduos. Para Marcuse, a cultura poderia ser um veículo de libertação se utilizasse suas capacidades críticas para questionar as normas estabelecidas e promover uma consciência coletiva. Mas seu papel na sociedade industrial contemporânea é ambíguo: "A cultura é uma força ambígua e contraditória, que pode ser tanto um agente de repressão quanto um instrumento de libertação" (Marcuse, 1964).

Tanto Adorno, quanto Marcuse, alertam para o fato de que a cultura, sob o domínio do capitalismo, tende a oferecer uma forma de controle social. Entretanto, ambos também reconhecem a potencialidade da cultura como um espaço de resistência e de crítica. A reflexão que propõem continua válida na atualidade, especialmente em um mundo onde a indústria cultural ainda desempenha um papel central na formação de opiniões e valores sociais: "A cultura, sob o domínio do capitalismo, tende a oferecer uma forma de controle social" (Adorno, 1985).

3.2. A FUNÇÃO CRÍTICA DA ARTE

A função crítica da arte desempenha um papel essencial na sociedade, atuando como um meio de questionamento, reflexão e transformação. Podemos elencar aqui estão alguns pontos que destacam essa função:

1. Reflexão crítica: A arte provoca reflexão sobre questões sociais, políticas e existenciais. Ao desafiar normas e convenções, ela estimula o público a pensar criticamente sobre a realidade que o cerca.
2. Denúncia de injustiças: Muitas obras de arte abordam temas como desigualdade, opressão e injustiça, funcionando como uma forma de denúncia. Por meio de suas representações, a arte pode dar voz a grupos marginalizados e expor problemas sociais que muitas vezes são ignorados.
3. Emoção e conexão: A arte tem a capacidade de evocar emoções profundas, criando uma conexão entre o artista e o público. Esse vínculo emocional pode promover empatia e compreensão, instigando a ação.
4. Imaginação e utopia: A arte não se limita a refletir a realidade; ela também pode imaginar futuros alternativos e apresentar visões utópicas. Isso convida as pessoas a reimaginar suas vidas e o mundo ao seu redor, desafiando a aceitação passiva das condições atuais.
5. Provocação e desconforto: Muitas vezes, a arte é provocativa e pode causar desconforto ao confrontar o público com verdades difíceis. Essa provocação é uma ferramenta importante para a crítica social, estimulando diálogos necessários sobre temas tabus.
6. Mudança de parâmetros estéticos: A crítica estética que a arte proporciona pode reconfigurar o que é considerado belo ou aceitável, incentivando novas formas de expressão e ampliando os horizontes culturais.
7. Fomentar movimentos sociais: A arte pode ser um catalisador para movimentos sociais, unindo pessoas em torno de causas e ativismo. Canções, performances e obras visuais muitas vezes se tornam símbolos de luta e resistência.

Em suma, a função crítica da arte é multifacetada, atuando como um espelho da sociedade e um motor de mudança. Ao desafiar a conformidade e promover a reflexão, a arte pode contribuir de forma significativa para a emancipação e para a construção de um mundo mais justo.

Para Adorno e Marcuse, a arte possui um potencial subversivo que pode questionar as estruturas sociais existentes. A apreciação estética e a reflexão crítica sobre a arte são fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência crítica que desafie as dinâmicas opressoras da sociedade. Marcuse, em sua obra "O homem unidimensional", analisa como a arte pode atuar como uma forma de crítica à sociedade e à cultura de massa. Para ele, a arte possui um potencial emancipador, capaz de desafiar as normas sociais e culturais existentes pois a arte em sua crítica pode proporcionar um espaço para a imaginação e a liberdade, permitindo que o indivíduo vislumbre possibilidades de vida além da repressão e da conformidade. Marcuse vê a arte como um meio de resistência que pode romper com a lógica da produção e do consumo, promovendo uma transformação social.

Adorno, por sua vez, é mais cético em relação ao potencial da arte em trazer mudanças sociais. Em seus escritos, ele afirma que a arte deve manter sua autonomia em relação à sociedade. Adorno acredita que a arte possui um valor crítico intrínseco, ao refletir as contradições e os conflitos da sociedade. Para ele, a verdadeira arte não deve ser meramente instrumentalizada para fins políticos ou sociais, mas sim deve questionar e criticar a realidade pois a arte tem a função de abrir um espaço de reflexão que permita aos indivíduos questionar as condições sociais e ideológicas da sua época: "A verdadeira arte deve questionar e criticar a realidade" (Adorno, 1985).

Observando as abordagens estéticas de Marcuse e Adorno, pode-se dizer que, embora ambos os autores concordem que a arte possui um potencial crítico, suas visões diferem consideravelmente pois enquanto Marcuse promove uma visão otimista sobre a arte como meio de transformação social e libertação, Adorno mantém uma postura mais reservada, enfocando a autonomia estética e alertando sobre as limitações da arte como ferramenta de mudança. Em suma, a Função crítica da arte, segundo Marcuse, tem um foco mais na emancipação e na utopia, enquanto Adorno enfatiza a capacidade da arte de criticar e questionar sem necessariamente buscar uma mudança imediata ou direta na sociedade. Essas diferentes abordagens enriquecem o debate sobre o papel da arte na crítica social e na construção de uma consciência crítica

4. A RELEVÂNCIA DAS IDEIAS DE MARCUSE E ADORNO NA ATUALIDADE

As obras de Marcuse e Adorno continuam a ressoar fortemente nas discussões contemporâneas sobre cultura, sociedade e política. Ambos os pensadores oferecem ferramentas teóricas cruciais para compreender as dinâmicas de poder e controle na sociedade moderna, especialmente em um contexto marcado pela mercantilização da cultura e pela crescente alienação.

Marcuse, em "Eros e Civilização", analisa a repressão imposta pela sociedade industrial e como isso afeta a liberdade humana. Ele afirma que "a verdadeira emancipação requer não apenas o libertar do labor, mas a transformação do próprio ser humano" (Marcuse, 1955). Essa ideia é especialmente relevante hoje, em um mundo onde a busca incessante por produtividade muitas vezes resulta em alienação e desgaste emocional. A valorização de experiências mais autênticas e significativas, como a busca por um equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, reflete a urgência de suas propostas.

Por outro lado, Adorno critica a cultura de massa e a indústria cultural que, segundo ele, alimentam a conformidade e o controle social. Em sua obra "A Dialética do Iluminismo", ele afirma: "A cultura se tornou uma mercadoria que serve apenas aos interesses do capital" (Adorno, 1970). Esse conceito é particularmente pertinente no contexto atual, onde plataformas digitais e redes sociais muitas vezes reproduzem conteúdos que visam apenas o consumo, contribuindo para uma homogeneização do pensamento e da expressão cultural. A análise crítica que Adorno propõe é essencial para entender como as sociedades contemporâneas podem se libertar desse ciclo de alienação.

Além disso, a resistência cultural como forma de luta social, tão defendida por ambos os autores, se manifesta claramente em movimentos como o feminismo, o ativismo LGBTQIA+, e as lutas antirracistas. A arte e a cultura nesses movimentos não apenas denunciam desigualdades, mas também promovem novas formas de pensar e viver. Em tempos de polarização, a capacidade de a arte provocar diálogo e reflexão se torna mais vital do que nunca.

Em síntese, as ideias de Marcuse e Adorno oferecem uma crítica profunda e necessária à cultura contemporânea e suas consequências sociais. Ao abordar temas como a alienação, a mercantilização da cultura, e a potencialidade emancipatória da arte, esses pensadores nos fornecem a base para reimaginar uma sociedade mais justa e livre. A relevância de suas obras se reafirma na luta por justiça social e na busca por

experiências autênticas, provando que, mesmo décadas após suas publicações, suas reflexões continuam a iluminar caminhos para o futuro.

4.1. A CULTURA NA ERA DO CONSUMISMO

Na sociedade contemporânea, o consumismo se torna uma característica dominante pois a reflexão de Marcuse sobre a necessidade de uma cultura crítica é absolutamente relevante, pois oferece ferramentas para resistir à lógica do mercado que busca a homogeneização e a satisfação imediata. Marcuse, em suas obras, especialmente em "O Homem Unidimensional", critica a sociedade industrial avançada e como esta molda os desejos e a subjetividade dos indivíduos pois, para ele, a cultura de massa e o consumismo promovem um tipo de conformismo que limita a capacidade crítica e a revolta. Os indivíduos tornam-se "homens unidimensionais", incapazes de imaginar alternativas ao status quo. A cultura, então, serve para legitimar e perpetuar a repressão e a alienação, ao mesmo tempo em que apresenta uma falsa ilusão de liberdade e satisfação através do consumo. No sentido oposto, a cultura deveria ser instrumento de emancipação ao tematizar as estruturas sociais que mantêm esse status quo: "A verdadeira liberdade e emancipação só podem ser alcançadas por meio de um questionamento profundo das estruturas sociais" (Marcuse, 1964).

Marcuse vai defender, portanto, que a verdadeira liberdade e emancipação só podem ser alcançadas por meio de um questionamento profundo das estruturas sociais e culturais que sustentam o consumismo. Em vez de se render aos impulsos de consumo, os indivíduos deveriam buscar um entendimento crítico do mundo em que vivem, promovendo um potencial de transformação social: "Em sua essência, a sociedade industrial traz à tona a contradição entre a produção técnica e a liberdade humana, suscitando a necessidade de uma crítica radical que busca entender como as estruturas sociais e os modos de produção moldam a experiência humana e a possibilidade de emancipação" (Marcuse, 1964).

Adorno, por sua vez, em suas análises da indústria cultural, enfatiza como a cultura se torna um produto a ser consumido, moldado pela lógica do mercado. Em suas obras, ele argumenta que a cultura de massa desnaturaliza a arte e a transforma em um produto padronizado, que visa não a elevação do espírito humano, mas a sua submissão a um sistema capitalista. Adorno acreditava que o consumismo não apenas aliena os indivíduos, mas também os desvia da crítica emancipatória, promovendo a aceitação passiva das condições sociais com isto ele criticará a ideia de que a cultura de massa poderia ser libertadora, insistindo que a verdadeira cultura deve desafiar e questionar as normas sociais e não se submeter à lógica do consumo.

Ao abordar a cultura na era do consumismo, tanto Marcuse quanto Adorno oferecem críticas contundentes sobre como a cultura pode ser um veículo de dominação. Enquanto Marcuse foca nas limitações impostas aos indivíduos pela sociedade tecnológica e repressiva, Adorno analisa as transformações do papel da cultura sob a influência da lógica econômica e industrial da sociedade de massas.

Ambos os pensadores concluem que o consumismo não é simplesmente uma questão econômica, mas uma questão profundamente cultural e social para eles, a resistência a essa cultura do consumo exige uma reavaliação das próprias aspirações e valores dos indivíduos, promovendo uma crítica radical que possa fomentar a emancipação e a autêntica liberdade. Porém, a reflexão sobre a cultura na era do consumismo em Marcuse e Adorno nos leva a considerar não apenas as implicações sociais e econômicas do consumo, mas também como as práticas culturais moldam nossa percepção de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. A sua crítica continua pertinente na análise do consumo contemporâneo e seu impacto na cultura e na subjetividade.

4.2. A ALIENAÇÃO E A CRISE DA SUBJETIVIDADE

A alienação, conceito marxiano e hegeliano adotado por Adorno e Marcuse, também é um aspecto central na análise das relações sociais contemporâneas. A solidão e a desconexão proporcionadas pela cultura digital e pelo consumismo reforçam a necessidade de uma nova abordagem que resgate a subjetividade e a capacidade crítica dos indivíduos. Alienação é um conceito central em suas obras, que se refere à separação do indivíduo de sua essência, de suas capacidades criativas e de seu potencial humano. No contexto do capitalismo, a alienação surge quando os indivíduos se tornam objetos dentro de um sistema econômico, perdendo a conexão com seu trabalho, com suas relações sociais, consigo mesmos e com a sua própria natureza. Para Marcuse,

a sociedade tecnológica avançada promove uma forma de alienação que é difícil de perceber, pois cria um conformismo que impede a crítica e a resistência. Adorno, por sua vez, relaciona os fenômenos da alienação diretamente ao sistema econômico e produtivo capitalista: "A alienação surge quando os indivíduos se tornam objetos dentro de um sistema econômico" (Adorno e Horkheimer, 1985).

Adorno vê a alienação como uma característica da sociedade moderna, onde a racionalização e a cultura de massa contribuem para a superficialidade das relações humanas. Em sua análise, a indústria cultural se torna um mecanismo que reforça a alienação, transformando a cultura em um produto consumível que desvia a verdadeira potencialidade crítica, afetando sua própria subjetividade. Para o autor, a crise da subjetividade refere-se ao enfraquecimento do sujeito autônomo e consciente na sociedade contemporânea pois, nesta sociedade, a subjetividade é moldada por forças sociais e culturais que a restringem, resultando em indivíduos que se sentem impotentes e desprovidos de agência. Essa crise é exacerbada pela homogeneização da cultura e pela pressão de consumir e conformar-se a determinados padrões.

Marcuse, por outro lado, argumenta que a subjetividade pode ser redimida por meio da conscientização e da crítica das estruturas sociais existentes. Ele defende a ideia de uma nova forma de subjetividade que pode emergir a partir da libertação de necessidades criadas pela sociedade.

Tanto Adorno, quanto Marcuse, oferecem análises profundas sobre como a alienação e a crise da subjetividade estão interligadas com as dinâmicas sociais, políticas e econômicas da modernidade. Suas ideias continuam relevantes na reflexão crítica sobre as condições sociais atuais, incentivando uma nova visão da subjetividade que busca a emancipação e a liberdade individual diante das forças opressivas do capitalismo e da cultura de massa. Acreditamos que esses temas continuam a ser de grande importância para aqueles que estudam filosofia, sociologia, cultura e teoria crítica, oferecendo ferramentas para analisar e criticar a sociedade contemporânea.

4.3. A CRÍTICA AO INDIVIDUALISMO NEOLIBERAL

A teoria crítica da cultura de Adorno e Marcuse pode nos ajudar a compreender a hegemonia do individualismo e da competição presente na configuração do que se tem chamado caracterizado como capitalismo neoliberal. O individualismo neoliberal é uma ideologia que se destaca no contexto do neoliberalismo, enfatizando a primazia do indivíduo sobre a coletividade. Aqui estão algumas características e implicações desse conceito como:

1. Ênfase na autonomia pessoal: o individualismo neoliberal promove a ideia de que os indivíduos são responsáveis por suas próprias vidas e escolhas. Isso implica que cada pessoa deve buscar seu próprio sucesso e bem-estar, muitas vezes em um ambiente competitivo.
2. Desregulamentação do Estado: no neoliberalismo, há uma forte defesa da diminuição da intervenção do Estado na economia e na vida social. Acredita-se que o mercado livre é o melhor mecanismo para promover a prosperidade individual.
3. Culpa e responsabilidade: o individualismo neoliberal pode levar à noção de que o fracasso pessoal é resultado de escolhas pessoais ruins, ignorando fatores estruturais como desigualdade social, racismo e falta de oportunidades.
4. Consumismo e identidade: a identidade individual muitas vezes é moldada pelo consumo. O que consumimos passa a representar quem somos, reforçando a ideia de que a satisfação pessoal e a felicidade estão ligadas ao acesso a bens e serviços.
5. Erosão do coletivo: essa visão individualista pode enfraquecer laços comunitários e a solidariedade social, uma vez que a ênfase recai sobre o sucesso individual em detrimento do bem-estar coletivo.
6. Impacto nas políticas públicas: o individualismo neoliberal geralmente justifica cortes em programas sociais e investimentos em saúde e educação, com a crença de que indivíduos devem se responsabilizar por suas necessidades, em vez de depender do governo.
7. Cultura de performance: a ideia de que todos devem "performar" e atingir certos padrões de sucesso pode gerar ansiedade e estresse, contribuindo para problemas de saúde mental.

Em suma, o individualismo neoliberal propõe que o sucesso e o bem-estar são alcançados por meio de esforços individuais em um mercado competitivo, mas essa visão pode trazer desafios significativos para a coesão social e a justiça. A crítica a essa ideologia muitas vezes se concentra nas desigualdades que ela perpetua e na necessidade de reverter a atenção para o coletivo e a solidariedade. A crítica à lógica neoliberal,

que prioriza o individualismo em detrimento do coletivo, é um ponto de convergência entre Marcuse e Adorno. No contexto atual, suas ideias propõem uma reavaliação dos valores sociais e a busca por uma solidariedade que possa contrabalançar a competição exacerbada. Marcuse e Adorno ofereceram críticas profundas ao individualismo, que podem ter extrema importância no contexto atual do neoliberalismo. As suas reflexões abordam a relação entre indivíduos e sociedades, a cultura e a economia, destacando a alienação e a conformidade impostas por um sistema que prioriza o lucro e a eficiência em detrimento do bem-estar humano e da liberdade verdadeira.

No livro *O homem unidimensional*, Marcuse argumenta que o capitalismo industrial promove uma "sociedade unidimensional", onde o pensamento crítico e a diversidade de ideias são sufocados. O indivíduo é moldado pelo consumo e pela produção, levando à conformidade e à perda da capacidade crítica e a falsa liberdade. Ele critica a ideia de que o capitalismo oferece liberdade ao indivíduo, pois para Marcuse, a liberdade no capitalismo é uma "liberdade negativa", onde as pessoas são livres para consumir e escolher, mas estão, na verdade, restritas por normas e valores impostos pelo sistema. Já a repressão das potencialidades humanas para Marcuse, o individualismo não permite que os indivíduos explorem suas potencialidades criativas e suas necessidades reais ele defende uma forma de liberdade que vai além da mera escolha, permitindo uma verdadeira realização pessoal e social.

As críticas de Adorno à indústria cultural, por sua vez, descrevem como a cultura de massa é produzida de maneira semelhante a qualquer outro produto, visando o lucro, pois isto resulta em uma padronização da cultura e na redução da capacidade crítica do indivíduo. Adorno vai criticar a ideia de que o esclarecimento e a razão levariam automaticamente à emancipação e à liberdade pois para ele, a razão pode ser usada para dominar e controlar. A partir destas análises, podemos dizer que o individualismo neoliberal na atualidade tende a reforçar essas estruturas de dominação. Adorno aponta que o individualismo no capitalismo leva à alienação do indivíduo, que se torna uma mercadoria em vez de um ser humano integral pois essa mercantilização da identidade reduz a complexidade das relações sociais e a capacidade de autêntico engajamento.

Ambos os pensadores oferecem uma crítica contundente ao individualismo promovido pelo capitalismo contemporâneo, que também pode ser estendida ao neoliberalismo na atualidade, apontando para a alienação, a conformidade e a limitação das potencialidades humanas. Eles defendem uma sociedade onde a verdadeira liberdade, criatividade e pensamento crítico sejam cultivados, em oposição à mera escolha e consumo que caracterizam a lógica neoliberal. Essas análises continuam relevantes, especialmente em um mundo onde as dinâmicas de consumo e individualidade permanecem centrais nas discussões sobre bem-estar social e justiça.

5. CONCLUSÃO

A importância da cultura nas obras de Herbert Marcuse e Theodor W. Adorno se revela como uma ferramenta fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas. Ambos os pensadores destacam a necessidade de uma crítica profunda às estruturas de poder e à mercantilização da cultura, alertando para os riscos da alienação e da conformidade. Em um mundo cada vez mais marcado pela desumanização e pela massificação, suas reflexões nos convidam a reimaginar formas de resistência e a valorizar a arte e a cultura como meios de transformação social. Movimentos contemporâneos, como os de justiça social e ambiental, demonstram a relevância de suas ideias, ao utilizar a cultura como veículo de mobilização e reflexão crítica.

Acreditamos que as análises de Marcuse e Adorno não apenas permanecem vigentes, mas também se tornam essenciais para novas gerações que buscam um mundo mais inclusivo e equitativo. Ao reconhecermos o papel central da cultura na luta pela emancipação e justiça, estamos mais bem equipados para enfrentar os desafios do presente e construir um futuro mais autêntico e livre.

A análise da cultura realizada por Marcuse e Adorno oferece insights valiosos para enfrentar os desafios contemporâneos. Suas reflexões sobre a cultura de massa, a indústria cultural e o papel da arte na formação de uma consciência crítica permanecem extremamente relevantes em um cenário marcado pela alienação e pelo consumismo. Em tempos em que a cultura muitas vezes serve como um instrumento de controle, as ideias desses pensadores convocam à resistência e à busca por uma cultura que promova a emancipação, a criatividade e a solidariedade.

Marcuse, em seu trabalho *"A Sociedade Repressiva"*, argumenta que a cultura de massa muitas vezes serve para satisfazer necessidades superficiais, desviando a atenção das pessoas dos problemas sociais e políticos

mais profundos. Para ele, é crucial cultivar uma forma de cultura que libere o potencial crítico dos indivíduos, permitindo que eles se libertem de uma sociedade que tende a reforçar a conformidade e a passividade argumenta que as sociedades contemporâneas, marcadas pelo capitalismo industrial avançado, exercem uma forma de repressão não apenas econômica, mas também psicológica e cultural. Ele discute como essas sociedades, em busca de eficiência e controle, promovem a conformidade e a alienação dos indivíduos, limitando sua capacidade de pensamento crítico e de desejo por mudança.

Alguns pontos centrais da teoria social crítica de Marcuse são fundamentais para a crítica do capitalismo na atualidade:

1. Repressão e liberdade: Marcuse explora a ideia de que a liberdade em sociedades modernas é uma ilusão, já que os indivíduos são levados a aceitar um modo de vida que, embora pareça satisfatório, na verdade promove a conformidade e a satisfação superficial.
2. A função da cultura: Ele ressalta que a cultura se torna um instrumento de controle social, moldando os desejos e as expectativas dos indivíduos de maneira a aceitar a ordem existente, inibindo a criatividade e a capacidade de se imaginar uma alternativa.
3. Sociedade unidimensional: Marcuse introduz o conceito de "sociedade unidimensional", onde a diversidade de pensamento e a crítica são suprimidas. As pessoas se tornam "unidimensionais", ou seja, incapazes de pensar fora das normas e valores impostos pela sociedade de consumo.
4. Possibilidade de emancipação: Apesar do cenário repressivo, Marcuse acredita na possibilidade de emancipação e transformação social, defendendo que a verdadeira liberdade deve incluir a capacidade de criar novos modos de vida, que desafiem as estruturas de opressão.
5. Crítica à tecnologia e ao consumismo: Ele critica o papel da tecnologia e do consumismo na perpetuação da alienação. Em vez de libertar os indivíduos, a tecnologia pode reforçar estruturas de poder se utilizada sem uma crítica consciente.

Marcuse, portanto, não só produz um diagnóstico dos problemas da sociedade contemporânea, mas também aponta caminhos para a resistência e a emancipação cultural, mostrando a importância de uma consciência crítica e da transformação dos desejos humanos como essenciais para uma sociedade verdadeiramente livre. Adorno, por sua vez, enfatiza a importância da arte como um espaço de resistência. Ele acreditava que a arte autêntica, em sua capacidade de questionar a realidade, pode provocar uma consciência crítica e desafiar as normas dominantes. No entanto, ele também alertou para o risco de a arte se tornar parte da indústria cultural, perdendo sua função crítica e mercantilizando a experiência estética.

Theodor W. Adorno, por sua vez, além de fazer a crítica da sociedade moderna dominada pela razão instrumental, enfatiza a importância da arte como um espaço de resistência e crítica à sociedade dominante. Em sua obra, ele argumenta que a arte possui um papel fundamental na formação da consciência crítica e na contestação das condições sociais e culturais vigentes. Aqui estão alguns pontos centrais de sua abordagem:

1. Distância crítica: Adorno acredita que a arte deve proporcionar uma distância crítica em relação à realidade social. Esse distanciamento permite que a obra artística questione as normas e valores da sociedade, desafiando a conformidade.
2. Autonomia da arte: Para Adorno, a autonomia da arte é crucial. Isso significa que a arte não deve ser reduzida a um mero produto de consumo ou propaganda; pelo contrário, deve preservar sua capacidade de criar um espaço livre onde novas ideias e experiências possam emergir.
3. Crítica da indústria cultural: Adorno critica a "indústria cultural", que transforma a arte em mercadoria, moldando-a para atender ao consumo em massa. Ele argumenta que essa mercantilização ameaça a diversidade cultural e a autenticidade das expressões artísticas.
4. Potencial de emancipação: A arte, segundo Adorno, tem o poder de oferecer uma forma de emancipação, uma vez que provoca uma reflexão profunda e questionadora sobre a realidade social. Através da fruição estética, os indivíduos podem desenvolver uma sensibilidade crítica, capaz de perceber as contradições da sociedade.
5. Dialética da arte e da realidade: Adorno propõe uma relação dialética entre arte e realidade, onde a arte não apenas reflete a sociedade, mas também a transforma ao questioná-la. Essa relação pode gerar mudanças na percepção e, conseqüentemente, na ação social.

Dessa forma, a ênfase de Adorno na importância da arte não se limita a um mero apelo estético; ele vê na arte uma ferramenta vital para a crítica social e a promoção de um mundo mais justo e consciente, onde os indivíduos possam se libertar das amarras da conformidade e da alienação.

Em um contexto contemporâneo marcado pelo consumismo e pela incessante produção de bens culturais que buscam mais entreter do que provocar reflexão, as ideias de Marcuse e Adorno permanecem extremamente pertinentes. Eles nos instigam a refletir sobre o papel que a cultura desempenha em nossos dias, convocando à resistência contra uma lógica que privilegia o consumo em detrimento da criatividade e da solidariedade. Portanto, o chamado à emancipação, à criatividade e à solidariedade que emergem das obras de Marcuse e Adorno são um convite a fomentar formas de cultura que não apenas sirvam ao prazer imediato, mas que também promovam uma verdadeira reflexão crítica, possibilitando um entendimento mais profundo das realidades sociais e instigando uma transformação positiva. Assim, a busca por uma cultura emancipadora se torna essencial para enfrentar os desafios contemporâneos, alinhando-se com a necessidade de construir uma consciência coletiva que permita aos indivíduos não apenas resistir, mas também se engajar ativamente na construção de um mundo mais justo e solidário.

6. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. **Prismas. Crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

DANTO, Arthur C. **A arte depois da arte: a arte e suas implicações**. São Paulo: Editora 34, 2015.

DORIA, Francisco Antonio. **Marcuse: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Stanford University Press, 1991.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história implicações**. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

KANGUSSU, Imaculada. **Leis da liberdade. A relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KELLNER, Douglas. **Media culture: cultural studies, identity and politics between the modern and the post-modern**. Routledge, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: Edipro, 2015.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 2 v.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 1999.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.